

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR – UM ESTUDO DA FALA FLORIANOPOLITANA

VARIATION IN VERBAL AGREEMENT OF SECOND PERSON SINGULAR - A STUDY OF THE FLORIANOPOLITANA SPEECH

Julie Davet
UFSC
julie@ifsc.edu.br

Paula Isaias Campos-Antoniassi
UFSC
paula.isaias@gmail.com

RESUMO: O presente artigo trata de uma investigação da variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular na fala de florianopolitanos residentes nas comunidades da Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ingleses e Região Central (Centro, Coqueiros e Trindade). A partir da sociolinguística variacionista, analisamos fatores linguísticos e sociais que podem estar condicionando a variação do fenômeno em questão. Os dados analisados são referentes a 31 entrevistas das amostras Monguillot (2006) e Floripa (2009 e 2012), pertencentes ao banco de dados VARSUL. Verificamos que o fenômeno da variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular está condicionado tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Concordância verbal. Pronome de segunda pessoa do singular.

ABSTRACT: This article discusses an investigation of the variation in verbal agreement in the second person singular in the speech of florianopolitanos residents in the communities of Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ingleses and Central Region (Centro, Coqueiros and Trindade). Based on the theory of variationist sociolinguistics, we analyze social and linguistic factors that may determine the variation of the phenomenon in question. The data analyzed are based on a sample of 31 interviews of databases Monguillot (2006) and Floripa (2009 and 2012), which are part of the VARSUL project. We found that the phenomenon of variation in verb agreement of the second person singular is conditioned by both linguistic and social factors.

KEYWORDS: Linguistic variation. Verbal concordance. Second person pronoun.

INTRODUÇÃO

Analisar a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular, no sul do Brasil, tem sido objeto de estudo para alguns pesquisadores, entre eles: i) Loregian-Penkall (1996; 2004), que estudou a fala de informantes em cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, incluindo Florianópolis-SC e, para tanto, utilizou dados do banco

VARISUL (Variação Linguística da Região Sul do Brasil), produzidos em meados da década de 1990; ii) Amaral (2003), que analisou a variação de segunda pessoa do singular na cidade de Pelotas-RS, a partir dos dados do banco VarX (Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social). Os registros desses pesquisadores apontaram que o fenômeno é sistematicamente variável nas comunidades estudadas.

A fim de buscar evidências mais recentes a respeito do fenômeno da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC, o presente trabalho analisa dados sincrônicos, coletados na última década, por pesquisadores ligados à Universidade Federal de Santa Catarina. Os dados analisados fazem parte de duas amostras: Floripa e Monguilhott. A amostra Floripa é formada por entrevistas realizadas por alunos da pós-graduação em Linguística da UFSC, para a disciplina de Sociolinguística e Dialetologia, nos anos de 2009 e 2012. Já a amostra Monguilhott é formada por entrevistas coletadas pela pesquisadora cujo sobrenome nomeia o banco, no ano de 2006¹.

Neste trabalho, faremos inicialmente uma contextualização do objeto de estudo, através de um breve histórico dos estudos anteriormente citados, realizados acerca da variação de segunda pessoa na fala do sul do Brasil. Em seguida, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa variacionista, evidenciando o caráter quantitativo da pesquisa e as variáveis testadas no presente estudo. Por fim, passamos à análise dos dados coletados, com vistas a verificar como se dá a marcação, ou não, da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC, partindo da descrição de uma recente amostra de fala.

2 O FENÔMENO EM QUESTÃO

Com o intuito de tornar mais robusta a discussão acerca do nosso objeto de estudo, apresentaremos agora, de forma breve, os principais resultados dos estudos já citados sobre a concordância verbal de segunda pessoa. São eles: Loregian (1996), Amaral (2003) e Loregian-Penkall (2004). Todos esses trabalhos foram desenvolvidos com base na teoria variacionista.

O trabalho de Loregian (1996) trata da concordância verbal de segunda pessoa na fala de informantes de Porto Alegre – RS, Florianópolis – SC e Ribeirão da Ilha, localidade não urbana pertencente ao município de Florianópolis. Em seu estudo, a autora contou com as entrevistas do Banco de Dados Varsul – e da amostra de Cláudia Brescancini. Ao todo, a autora analisou a fala de 72 informantes, totalizando 2.100 dados.

Para a investigação, Loregian (1996) considerou a variável dependente binária: *i) verbos com flexão de segunda pessoa e ii) verbos sem flexão de segunda pessoa*. A autora elencou oito variáveis independentes linguísticas, no entanto, ao iniciar as análises com o *software* VARBRUL 2S, verificou que seis variáveis foram relevantes, a saber: *i) paralelismo formal, ii) tempo verbal, iii) explicitação do pronome, iv) interação*

¹ As entrevistas da amostra Monguilhott também fizeram parte de sua tese de doutoramento, a qual abordava o fenômeno de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em Florianópolis-SC e Lisboa – Portugal.

emissor/receptor, v) tonicidade do verbo e vi) número de sílabas do verbo. Foram consideradas como irrelevantes as variáveis *i) saliência fônica e ii) contexto fonológico seguinte.* As variáveis sociais foram controladas da seguinte forma: *i) região, ii) grau de escolarização, iii) faixa etária e iv) sexo.*

Em se tratando dos fatores linguísticos, essa pesquisa mostrou que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, quando se analisou a variável ‘paralelismo formal’. Para o tempo verbal, concluiu-se que, associado ao modo, aquele contribui para a marcação (ou não) da concordância verbal na segunda pessoa. Já no quesito interação emissor/receptor, a autora concluiu que há mais marcação de concordância quando a interação se dá com o entrevistador. Em se tratando da tonicidade do verbo, percebeu-se que os verbos oxítonos possibilitam mais marcação de concordância que os verbos paroxítonos. O número de sílabas dos verbos também foi um fator relevante, pois foi possível perceber que itens com mais sílabas possuíam a concordância mais marcada em relação àqueles com menor número.

Em relação aos fatores sociais, a autora chegou às seguintes conclusões: os informantes de Florianópolis – incluindo, aqui, os de Ribeirão da Ilha – mantiveram a marcação de concordância em maior número quando comparados aos informantes de Porto Alegre. O nível de escolaridade também foi tido como um fator relevante: quanto maior a escolaridade do informante, maior a marcação de concordância. O fator idade também foi significativo: informantes com mais de 50 anos concordam mais que os das outras faixas etárias analisadas – 15 a 24 anos e 25 a 49 anos.

O trabalho de Amaral (2003) analisou a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular na cidade de Pelotas-RS, que é considerada pelo ALERS – Atlas Linguístico Etnográfico do Sul do Brasil – como área de excelência no uso do pronome *tu*. A partir dos dados analisados pelo autor, é possível entender o motivo da qualificação desta cidade como tal, pois em toda amostra encontrou-se apenas dois casos em que aparece a variante *você*.

Em seu estudo, Amaral (2003) considerou aspectos linguísticos e sociais, com o objetivo de verificar a relação entre as estruturas sociais e a marcação – ou não marcação – da concordância verbal de segunda pessoa. Para isso, o autor estabeleceu três variantes: *i) a concordância padrão para o pretérito perfeito do indicativo; ii) a concordância não-padrão para o pretérito perfeito do indicativo; e iii) a não marcação de concordância.* As variáveis linguísticas independentes controladas por este autor foram assim agrupadas: *i) variáveis de base morfológica; ii) variáveis de base sintática; e iii) variáveis de base estilística.* As sociais foram: *i) classes sociais; ii) gênero; e iii) faixa etária.*

Os resultados obtidos a partir das análises feitas por Amaral (2003) apontaram que, em Pelotas - RS, o uso de *você* é praticamente inexistente e a concordância verbal de segunda pessoa é variável. O autor percebeu que as condições sociais interferem na variação – se o informante tem uma condição econômica e educacional favorável, ele usará a forma de mais prestígio – a canônica. Percebeu-se também, neste estudo, que mulheres concordam mais que homens. Dentre inúmeras descobertas feitas pelo autor, podemos destacar que este estudo evidenciou que *i) quando o pronome está implícito, há uma maior possibilidade de a concordância verbal seguir a norma canônica; ii) quando o informante se refere ao entrevistador, mesmo em um discurso reportado, as marcas são mantidas; iii) informantes de classes sociais mais elevadas retêm mais*

marcas de concordância; iv) os mais jovens – de 16 a 25 anos – não fazem distinção de valor quanto ao uso, ou não, da concordância canônica; v) o mercado de trabalho impulsiona a utilização da forma canônica e, por fim, vi) a variação de P2², em Pelotas – RS, contribui para as distinções sociais.

A fim de aprofundar o estudo realizado em 1996, Loregian-Penkal, em 2004, reanalisou a referência de segunda pessoa do singular na fala de informantes da Região Sul do Brasil. Para isso, além das regiões que fizeram parte daquele primeiro estudo – Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha –, a autora incluiu em seu trabalho as cidades de Blumenau, Chapecó e Lages, em Santa Catarina, e Flores da Cunha, Panambi e São Borja, no Rio Grande do Sul. Ademais, uma nova variável foi posta em discussão: ‘alternância pronominal tu/você’.

Para esse trabalho, que tinha por objetivos analisar a escolha entre *tu* e *você* como referência de segunda pessoa do singular e também investigar a concordância verbal com o pronome *tu*, a autora analisou 24 entrevistas em cada cidade, totalizando 203 informantes. Eles foram distribuídos em duas faixas etárias – 25 a 49 anos e acima de 50 anos –, três níveis de escolaridade – primário, ginásio e colegial – e sexo – masculino e feminino.

Para investigar a concordância verbal com o pronome *tu*, as variáveis independentes testadas foram: i) *tipo de interlocução*; ii) *determinação do discurso*; iii) *gênero do discurso*; iv) *explicitação do pronome*; v) *tempo verbal*; vi) *paralelismo formal no nível discursivo*. Já as variáveis sociais foram i) *localidade*; ii) *faixa etária*; iii) *grau de escolaridade*; e iv) *sexo*.

Dentre os muitos resultados dessa pesquisa, podemos observar que a autora concluiu que as mulheres e a faixa mais jovem da amostra apresentaram maior uso do pronome *tu*. Já com a variável ‘escolaridade’ percebemos que há diferenças entre as localidades investigadas. Loregian-Penkal (2004, p. 173), ao cruzar as variáveis ‘escolaridade’ e ‘localidade’, constatou um aumento progressivo de marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC. Dos três níveis de escolarização, a autora encontrou um índice de concordância verbal de 34% para o primário, 43% para o ginásio e 52% para o colegial.

Loregian-Penkal (2004) conclui seu estudo afirmando que o uso do *tu* sem concordância marcada, nas cidades do Rio Grande do Sul e também em Chapecó, é evidência de marcação de identidade gaúcha. Lages-SC é a localidade mais avançada no uso de *você*, com seis informantes categóricos e 17 que alternam o *tu* com o *você*, somando 23 informantes. Já em Florianópolis e Ribeirão da Ilha a concordância canônica e canônica modificada são evidências de uma possível identificação com o Ilhéu.

2.1 Aspectos teórico-metodológicos

Neste trabalho, a variação de concordância verbal de P2 será analisada com base nos pressupostos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, postulados por Labov (2008 [1972]). Caracterizada como um modelo teórico e metodológico para análise

² Adotaremos essa nomenclatura para fazer referência à concordância verbal de segunda pessoa do singular, cf. Mattoso Câmara Jr. (1987 [1970]).

linguística especialmente da língua vernacular, essa abordagem considera que a língua é um sistema heterogêneo estruturado: variações linguísticas ocorrem em uma comunidade de fala e são correlacionadas a diversos fatores – sociais e linguísticos.

Os dados para pesquisas sociolinguísticas costumam ser coletados a partir de entrevistas individuais que procuram captar a fala mais próxima ao vernáculo. Um dos objetivos da constituição da amostra Floripa foi o de contemplar questões relacionadas à identidade *mané*. Para isso, os entrevistadores propunham aos informantes a temática do *manezinho da ilha*, buscando perceber a identificação, ou não, do informante com essa caracterização do nativo da Ilha de Santa Catarina. Outros tópicos contemplados foram relativos ao lugar, à família, as festas e comidas típicas de cada localidade, situações de risco ou perda de um ente querido, dentre outros assuntos que envolviam emocionalmente.

A amostra Floripa resulta, portanto, de entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes florianopolitanos, de etnia açoriana, nascidos e criados na região Central³, Costa da Lagoa, Ingleses, Ribeirão da Ilha, Rationes e Santo Antônio. No entanto, para esta pesquisa, iremos considerar, apenas, a Região Central, Costa da Lagoa, Ingleses e Ribeirão da Ilha, a fim de analisarmos duas comunidades mais urbanas (Região Central e Ingleses) e duas comunidades menos urbanas (Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha), objetivando comparar a variação da concordância verbal na segunda pessoa com mais propriedade. Nas células sociais, contamos com informantes homens e mulheres, sendo divididos em: informantes a partir de 45 anos tendo estudado até o Ensino Fundamental; informantes acima de 45 anos que tenham cursado o Ensino Superior; informantes de 15 a 37 anos que tenham cursado até o Ensino Fundamental⁴ e informantes com esta mesma faixa etária que tenham cursado – ou estejam cursando – o Ensino Superior. O cópuz deste estudo foi extraído de entrevistas de 31 informantes estratificados por escolaridade, idade e sexo/gênero e consideramos como Região Central, os bairros Centro, Trindade e Coqueiros.

Na fala florianopolitana é possível perceber, empiricamente, que determinados informantes utilizam a concordância verbal canônica, mas também encontramos dados em que a concordância canônica é modificada e há, ainda, a ausência de marcação desta concordância. Esses usos variáveis podem ser conferidos na fala de alguns informantes da amostra Floripa:

- (1) As amigas diziam assim: ai, *vais* casar com operário?! (FVSUEli)
- (2) ...estopô é um xingamento, já *ouvisse* falar isso? (MVSRCla)
- (3) ...as pessoas comentam: “ah, porque tu *nasceu* aqui, tu *é* manezinho da ilha e tal... (MVSMan)

³ Para este estudo, consideramos como Região Central os bairros Centro, Trindade e Coqueiros.

⁴ O país está em um momento de democratização do ensino, pessoas de todas as classes sociais podem ir – e vão – à escola, hoje. Esse fato explica a dificuldade que tivemos de encontrar pessoas mais jovens que tenham estudado só até o Ensino Fundamental. Diante disso, decidimos ampliar a faixa etária em relação à escolaridade, admitindo até a idade de 37 anos para o perfil jovem; e, caso fosse necessário, buscaríamos informantes jovens que estivessem no 1º ano do Ensino Médio.

Para trabalharmos com a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular, estabelecemos uma variável dependente ternária, constituída das variantes: *marcação de concordância verbal canônica* (viste; vês, etc.), *marcação de concordância canônica modificada* (visse – formas assimiladas) e *não marcação de concordância verbal* (viu).

Elegemos duas variáveis independentes linguísticas: i) *presença ou ausência do pronome tu*; ii) *discurso reportado ou discurso não reportado*; e três variáveis independentes sociais: i) *gênero do informante (sexo – masculino ou feminino)*; ii) *idade (mais novo ou mais velho)*; iii) *escolaridade (mais ou menos escolarizado)*. Levaremos em conta ainda a *diazonalidade* dos informantes, buscando verificar se existe relação entre a localidade em que o informante vive – mais ou menos urbana – e o uso variável da concordância verbal do pronome de segunda pessoa – *tu*.

Assim, este trabalho tem por objetivo investigar o fenômeno da concordância verbal de P2 em Florianópolis-SC, a partir de duas variáveis linguísticas, três sociais e uma geográfica, em dados de fala oriundos das amostras Floripa e Monguilhott.

Esperávamos, inicialmente, encontrar mais casos de concordância canônica (*viste/vês*) ou canônica modificada (*visse*) do que formas morfológicamente não marcadas (*viu/vê*). Esperávamos também (i) quanto aos fatores linguísticos – que a presença/ausência do pronome e o tipo de discurso reportado/não reportado influenciariam no resultado dos dados; (ii) quanto aos fatores sociais – que as mulheres utilizariam mais concordância canônica ou canônica modificada do que os homens; os jovens utilizariam mais a não concordância do que os velhos; e quanto maior a escolaridade, maior o uso da concordância canônica ou canônica modificada; (iii) quanto à diazonalidade, a expectativa, contrária à de Monguilhot (2009), era a de que em zonas não urbanas a concordância seria maior.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 ANÁLISE GERAL

Embora a alternância dos pronomes *tu* e *você* não seja o foco do nosso estudo, achamos importante levantar, num primeiro momento e de forma breve, a distribuição desses pronomes nas amostras analisadas. Uma de nossas hipóteses iniciais era a de que o *tu*, nas amostras Floripa e Monguilhott, assim como nos dados do banco Varsul, a partir dos resultados de Loregian-Penkal (2004), seria bastante produtivo em Florianópolis.

Das 31 entrevistas analisadas, obtivemos 22 que apresentaram somente o uso do pronome *tu*; seis informantes apresentaram o uso do *tu* em alternância com o pronome *você*; um informante apresentou somente o uso de *você*; mais dois informantes não apresentaram nenhum dos pronomes, ou seja, não apresentaram dados. O Gráfico 1 ilustra o resultado em termos percentuais para os 29 informantes que apresentaram dados.

Gráfico 1: Distribuição do uso dos pronomes de 2ª pessoa do singular em Florianópolis (amostras Floripa e Monguilhott)

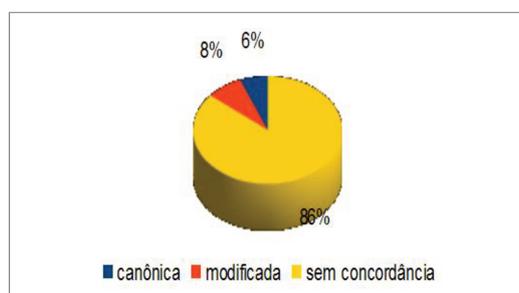


Analisando o Gráfico 1, percebemos que a nossa primeira expectativa foi atestada: o pronome *tu* ainda é bastante produtivo entre os florianopolitanos. A grande maioria dos informantes, 76%, utiliza somente uma forma pronominal – o *tu* (seja na sua forma explícita ou implícita) seguido de suas diferentes formas de concordância verbal (canônica, canônica modificada e sem concordância)⁵. Apenas 3% dos informantes utilizaram somente a forma *você*; outros 21% utilizaram as duas formas pronominais. Nesse sentido, o pronome *tu*, nas amostras Floripa e Monguilhott, é bastante produtivo, assim como nos dados do banco Varsul da década de 1990, apresentados no trabalho de Loregian-Penkal (2004), a qual encontrou, na sua amostra da Região Sul, muito mais informantes categóricos no uso do *tu*, do que no uso categórico do *você*; em Florianópolis, Loregian-Penkal (2004) encontrou apenas um caso de informante categórico no uso do pronome *você*.

Partindo agora para o foco do nosso trabalho, a amostra analisada apresentou 812 ocorrências de concordância verbal de segunda pessoa do singular com o pronome *tu*, sejam elas na forma canônica, canônica modificada ou sem concordância. Dessas ocorrências, obtivemos a presença maciça das formas sem concordância verbal de segunda pessoa, 700 ocorrências, correspondendo a 86% do total de dados. As ocorrências com a forma canônica, 49 casos, correspondem a apenas 6% do total. As formas canônicas modificadas, 63 casos, correspondem a 8% do total, conforme ilustra o Gráfico 2, a seguir.

⁵ Salientamos aqui, que quando o informante apresentava a forma implícita, em algum outro momento da entrevista apresentou a forma explícita; assim, não houve casos de entrevistas em que não se pôde resgatar a forma pronominal que o informante utilizava, em outras palavras, não houve casos de entrevistas em que somente a forma implícita tenha ocorrido.

Gráfico 2: Distribuição da concordância verbal de P2 em Florianópolis
(amostras Floripa e Monguilhott)



Com este resultado, nossa hipótese central não foi atestada: a partir dos resultados de Loregian-Penkall (2004), esperávamos que os informantes florianopolitanos utilizassem, em maior número, formas canônicas e canônicas modificadas do que formas não marcadas. Essas últimas formas, apresentaram-se, na fala dos *manezinhos* aqui investigada, em número significativamente maior.

3.2 ANÁLISES DAS VARIÁVEIS SOCIAIS E LINGUÍSTICAS

3.2.1 Sexo

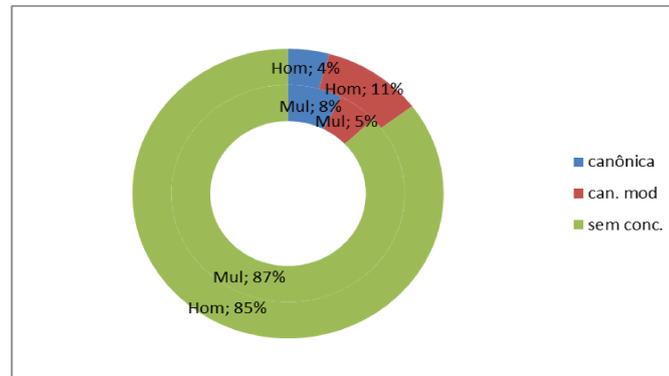
Dos 812 dados analisados, divididos por gênero, 438 foram produzidos por mulheres e 374 foram produzidos por homens.

Do total de dados produzidos pelas mulheres, podemos verificar que foram produzidos 381 casos de não concordância, ou seja, 87% das ocorrências; 33 casos de concordância, computando 8% das ocorrências, e 24 casos de concordância canônica modificada – apenas 5% dos casos.

Já para os homens foram encontrados 319 casos de não concordância, totalizando um percentual de 85%, 16 casos de concordância canônica, perfazendo um total de 4% dos dados do sexo masculino e com respeito à concordância canônica modificada foram computados 39 casos, num total de 11%.

A partir dos resultados obtidos através da variável ‘sexo’, inferimos que tanto mulheres quanto homens fazem uso, de forma maciça, das formas não marcadas, 87% e 85%, respectivamente. As mulheres fazem o dobro de uso das marcas canônicas, 8%, quando comparadas aos homens, 4%. Já os homens, fazem o dobro de uso de concordância canônica modificada, 11%, em relação às mulheres, 5%. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 3: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável ‘sexo’.



3.2.2 Idade

Dos 812 dados analisados, 479 foram produzidos por informantes com idade acima ou igual a 45 anos e 333 foram produzidos por informantes que possuíam entre 15 a 37 anos de idade.

Do total de dados produzidos por informantes com maior idade, podemos verificar a ocorrência de 401 casos de não concordância, ou seja, 84%, 33 casos de concordância, computando 7% das ocorrências e 45 casos de concordância canônica modificada – apenas 9% dos casos.

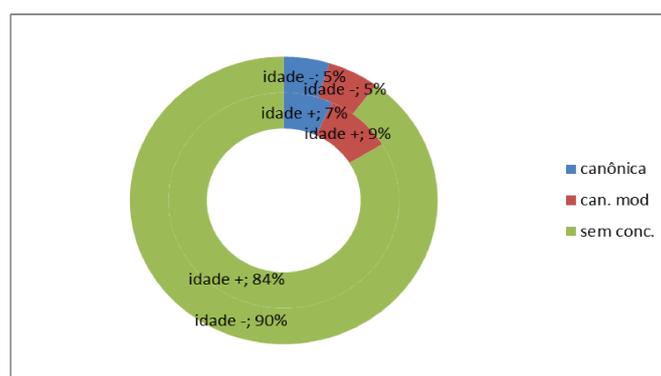
Para os mais jovens foram encontrados 299 casos de não concordância, totalizando um percentual de 90% e 16 casos de concordância canônica, perfazendo um total de 5%. Para a concordância canônica modificada foram computados 18 casos, num total de apenas 5%.

A partir dos resultados dessa variável, podemos inferir que informantes mais velhos fazem maior uso de concordância verbal de segunda pessoa do singular, em relação aos mais jovens. São quase categóricos os índices de não concordância entre os mais jovens, totalizando 90%.

Assim como Amaral (2003), constatamos que quanto menor a idade, menor os índices de marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular: no estudo de Amaral (2003), em Pelotas-RS, os percentuais vão decrescendo, na medida em que a faixa etária é mais jovem: para os que possuíam entre 26 a 49 anos o percentual é de 8%; já no caso da faixa etária mais nova, os índices passam a ser de 3%.

Esses resultados indicam que, assim como em Amaral (2003), estaríamos, na capital catarinense, num possível processo de mudança em curso, onde o pronome *tu* não faria mais concordância com verbos de segunda pessoa, e sim de terceira pessoa do singular; estabelecendo-se, assim, um novo paradigma verbal, já observado em outras regiões do Brasil. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 4: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável ‘idade’.



3.2.3 Escolaridade

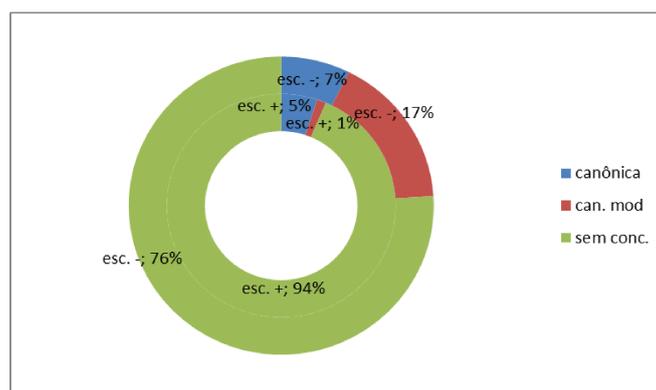
Dos 812 dados analisados, 470 foram produzidos por informantes com maior escolaridade (curso Superior – cursando ou já cursado) e 342 foram produzidos por informantes menos escolarizados (até o Ensino Médio).

Do total de dados produzidos pelos mais escolarizados, podemos verificar a ocorrência de 440 casos de não concordância, ou seja, 94% das ocorrências; 24 casos de concordância, computando 5% das ocorrências e somente seis casos de concordância canônica modificada – apenas 1% dos casos.

Para os menos escolarizados foram encontrados 260 casos de não concordância, totalizando um percentual de 76%, 25 casos de concordância canônica, perfazendo um total de 7%; para a concordância canônica modificada foram computados 57 casos, num total de 17%.

Os resultados estatísticos da variável 'escolaridade' mostraram que informantes menos escolarizados fazem maior uso de concordância verbal de segunda pessoa do singular, em relação aos mais escolarizados: se juntarmos os índices das canônicas com as canônicas modificadas, teremos um total de 24% para os informantes com menos escolaridade e apenas 6% para os com mais escolaridade. Nesse sentido, constatamos que os anos de escolaridade não influenciam, em Florianópolis-SC, no uso da concordância marcada, considerada padrão pelos bancos escolares; o que nos sugere, assim como Amaral (2003) pôde inferir na cidade de Pelotas-RS, que a não concordância, na capital catarinense, é vista com prestígio encoberto: quando não há estigma e o número de adeptos é grande. Nesse caso, poderia estar se configurando, levando em consideração os altos índices de não concordância por parte dos mais escolarizados, uma mudança em curso. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 5: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável 'Escolaridade'



3.2.4 Diazonalidade

Dos 812 dados analisados, 277 foram produzidos na zona urbana e 535 foram produzidos na zona não urbana.

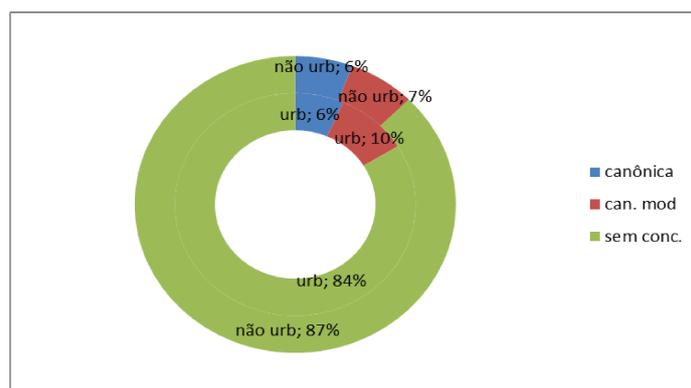
Do total de dados produzidos na zona urbana, podemos verificar a ocorrência de 232 casos de não concordância, ou seja, 84% das ocorrências; 18 casos de concordância, computando 6% das ocorrências e 27 casos de concordância canônica modificada – 10% dos casos.

Já na zona não urbana foram encontrados 468 casos de não concordância, totalizando um percentual de 87%, 31 casos de concordância canônica, perfazendo um total de 6% e 36 casos de concordância canônica modificada, num total de 7%.

A partir dos resultados obtidos através da variável ‘diazonalidade’, verificamos que tanto nas zonas urbanas, quanto nas não urbanas, os índices de não concordância são muito altos, 84% e 87%, respectivamente. O percentual de concordância canônica nas zonas urbanas e não urbanas é igual: de apenas 6%. A concordância canônica modificada é um pouco maior nas zonas urbanas, computando 10% nas zonas urbanas e 7% nas zonas não urbanas.

A partir da análise dessa variável, podemos notar que não houve diferenças significativas entre zonas urbanas e não urbanas. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 6: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável ‘Diazonalidade’.



3.2.5 Explicitação do pronome

Dos 812 dados analisados, 365 foram produzidos com pronome explícito e 447 foram produzidos com pronome implícito. Para melhor elucidação desta variável, daremos, a seguir, exemplos dessas ocorrências na amostra Floripa: o primeiro com o pronome explícito e o segundo com o pronome implícito; os dois dados pertencem ao mesmo informante.

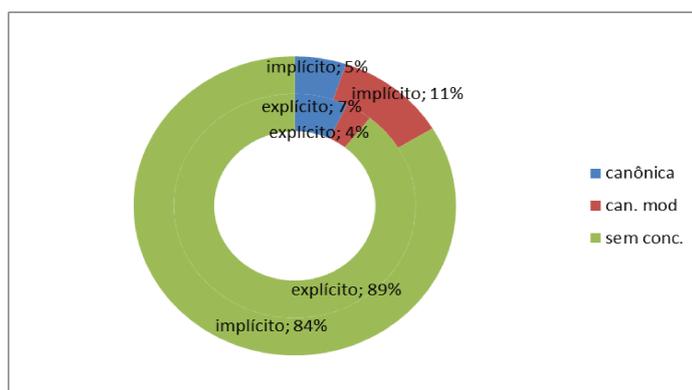
(4) Depois de ferver bem, o feijão já tá de molho, *tu escorre* o feijão, ali a cozer, já *descasca* o chuchuzinho, abóbora, a cenoura... (FVSUEli)

Do total de dados produzidos com o pronome explícito, podemos verificar a ocorrência de 326 casos de não concordância, ou seja, 89% das ocorrências; 26 casos de concordância, computando 7% das ocorrências e somente 13 casos de concordância canônica modificada – 4% dos casos.

Com o pronome implícito foram encontrados 374 casos de não concordância, totalizando um percentual de 84% e 23 casos de concordância canônica, perfazendo um total de 5%. Com respeito à concordância canônica modificada, foram computados 50 casos, num total de 11%.

A variável ‘explicitação do pronome’, a partir dos resultados obtidos, mostrou-nos que os casos onde o pronome *tu* aparece implícito proporcionam maior uso da concordância verbal de segunda pessoa do singular, em relação aos casos em que o pronome aparece explícito: se juntarmos os índices das canônicas com as canônicas modificadas, teremos um total de 16% dos dados com pronome implícito e um total de 11% para os casos em que o pronome aparece explícito. Nesse sentido, constatamos que a presença do pronome desfavorece a concordância verbal marcada de segunda pessoa do singular, em Florianópolis-SC. Amaral (2003) e Loregian-Penkall (2004) também constataram que, quando o pronome estava implícito, maiores eram os índices de concordância. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 7: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável ‘Explicitação do Pronome’.



3.2.6 Discurso reportado

O discurso reportado ocorre quando o informante reporta a fala de outra pessoa, ou dele mesmo, ocorrida em um evento anterior à entrevista. Os exemplos, a seguir, explicam melhor essa variável. A primeira ocorrência é de um discurso reportado, no qual o informante reproduz a fala de uma prima; a segunda é de um discurso não reportado, no qual o informante faz uma pergunta direta ao entrevistador:

(5) ... a minha prima tava dizendo: “ah, *tu já bota* esse peixe direto”... (MNSUTia)

(6) *Tu moras* em Coqueiros? (MVBUVil)

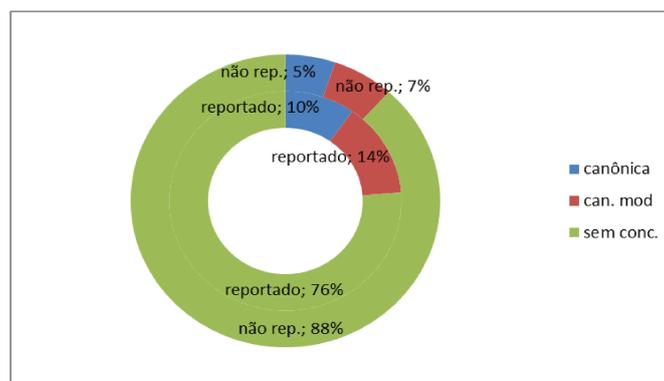
Dos 812 dados analisados, 669 foram produzidos através de discursos não reportados e 143 foram produzidos em discursos reportados.

Do total de dados produzidos através dos discursos não reportados, podemos verificar a ocorrência de 591 casos de não concordância, ou seja, 88% das ocorrências; 35 casos de concordância, computando apenas 5% das ocorrências e 43 casos de concordância canônica modificada, ou seja, 7% dos casos.

Já nos casos de discurso reportado foram encontrados 109 dados de não concordância, totalizando um percentual de 76% e 14 dados de concordância canônica, perfazendo um total de 10%. Já para a concordância canônica modificada foram computados 20 dados, num total de 14%.

Em relação a essa variável, a partir dos resultados obtidos, podemos observar que discursos reportados favorecem os índices de concordância, em relação aos dados dos discursos não reportados, pois, se juntarmos as concordâncias canônica com a canônica modificada, obtemos um índice de 24% para o discurso reportado e um índice de 12% para o discurso não reportado. Assim, através dessa variável, inferimos que os discursos reportados favorecem a concordância marcada. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 8: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável ‘Discurso Reportado’.



Outra situação avaliada, em nosso estudo, relacionada à variável discurso reportado, foi à análise das relações assimétricas e simétricas entre os interlocutores, ou seja, como ocorreu a marcação ou não da concordância nos discursos reportados entre iguais – simétricos, e nos discursos reportados entre informantes com grau de hierarquia diferente – assimétricos. Nesse último caso, superiores e inferiores foram postos em um mesmo grupo.

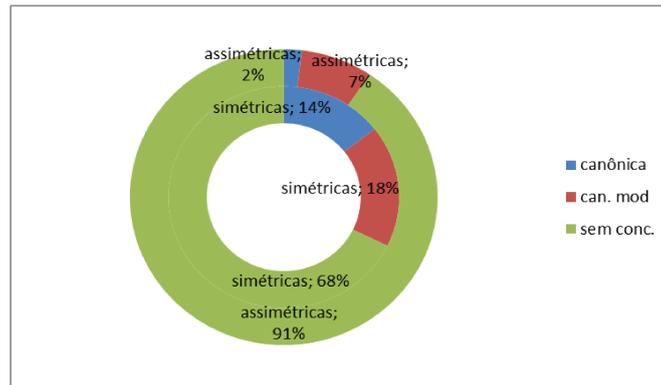
Observamos que, dos 143 dados analisados de discurso reportado, 90 foram produzidos a partir de relações simétricas – entre iguais - e 53 foram produzidos através de relações assimétricas – níveis hierárquicos distintos.

Do total de dados produzidos através de relações simétricas, podemos verificar a ocorrência de 61 casos de não concordância, ou seja, 68% das ocorrências; 13 casos de concordância, computando 14% das ocorrências e 16 casos de concordância canônica modificada – com 18% dos casos.

Já nos casos das relações assimétricas foram encontradas 48 ocorrências de não concordância, totalizando um percentual de 91% e apenas um caso de concordância canônica, perfazendo um total de 2%. Com relação à concordância canônica modificada, foram computados quatro casos, num total de 7%.

A partir dos resultados obtidos na variável discurso reportado, analisados a partir da ótica das relações assimétricas e simétricas, podemos observar que os discursos entre iguais favorecem, em maior escala, os índices de concordância verbal de segunda pessoa do singular, quando comparados às relações de graus hierárquicos diferentes; pois, se juntarmos as concordâncias canônicas com as canônicas modificadas, obtemos um índice de 32% para as relações entre iguais e um índice de apenas 9 % para os discursos de pessoas de graus hierárquicos distintos. O gráfico a seguir mostra, visualmente, o exposto acima.

Gráfico 9: Índice de marcação ou não de concordância de segunda pessoa do singular, segundo a variável ‘Discurso Reportado - Relações As(simétricas)’



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar, através dos resultados aqui apresentados, que certos fatores, sejam eles sociais ou linguísticos, podem condicionar a realização ou não da concordância verbal de segunda pessoa do singular. Apesar deste não ter sido um estudo detalhado, certos resultados apontam na mesma direção de estudos já realizados no Brasil, no campo da sociolinguística variacionista, sobre concordância verbal de segunda pessoa do singular.

Em relação à variável 'sexo', e conforme Labov (2008 [1972]), mulheres tendem a preferir formas consideradas de prestígio, mais próximas do padrão normativo. Em nosso estudo, o sexo feminino parece também ter se mostrado mais conservador: as mulheres ainda mantêm maiores índices de concordância canônica, 8%, exatamente o dobro dos índices dos homens, 4%.

Outro dado bastante curioso, constatado aqui, é que informantes com menor escolaridade fazem maior uso de concordância marcada, seja ela na forma canônica ou canônica modificada de segunda pessoa do singular, quando comparados aos mais escolarizados; sugerindo-nos a existência, na não concordância, de um prestígio encoberto, pois os índices, por parte dos mais escolarizados, são mais elevados, não havendo estigma.

Assim como em estudos anteriores (Amaral, 2003; Loregian-Penkal, 1996 e 2004), constatamos que: (i) quando o pronome aparece explícito, há um desfavorecimento da concordância marcada de segunda pessoa do singular e (ii) quando o pronome aparece implícito, os índices de concordância são maiores.

Outra variável analisada, o 'discurso reportado', mostrou-se relevante: quando o informante reportava a fala de alguém ou dele mesmo, em um evento anterior, os índices de concordância foram maiores em relação aos discursos que não eram reportados. A partir dessa variável, podemos constatar também que relações entre iguais, simétricas, favorecem, em maior escala, a concordância marcada de segunda pessoa do singular, seja ela na forma canônica ou canônica modificada, quando comparadas às relações assimétricas (grau hierárquico diferente), sejam elas inferiores ou superiores, sugerindo-nos que as marcas de concordância, na capital catarinense, possuem características linguísticas de cunho familiar, íntimo.

Nesse estudo, a variável diazonalidade não se mostrou significativa, ou seja, os resultados percentuais entre os informantes da zona urbana vs. zona não urbana não se mostraram significativamente diferentes.

Por fim, percebemos que os índices de concordância, na atualidade, em Florianópolis-SC, quando comparados aos do banco Varsul (meados da década de 1990) são menores. Conforme Loregian-Penkall (2004, p. 167), no banco Varsul foi constatado um índice de 43% de concordância em Florianópolis-SC e 60% para Ribeirão da Ilha. Em nosso estudo, os índices de concordância não ultrapassam 20% dos casos – levando-se em consideração os resultados obtidos através do Gráfico 2. A partir da comparação dos resultados desses dois estudos sobre a concordância verbal de segunda pessoa, com amostras de épocas diferentes (Varsul e Floripa), podemos inferir que talvez estejamos diante de uma mudança em curso no nosso sistema pronominal, onde a marca de concordância de segunda pessoa do singular esteja dando lugar, cada vez mais, a uma forma não marcada.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luís I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.
- GUY, Gregory. *As comunidades de fala : fronteiras internas e externas*. Abralín, 2001. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em 2013.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Editorial, [1972] 2008.
- LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 1996.
- LOREGIAN-PENKALL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Tese de Doutorado. UFPR, 2004.
- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese de Doutorado. UFSC, 2009.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Recebido em: 16/12/2013

Aceito em: 28/04/2014